

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E CONHECIMENTO DE GESTANTES SOBRE ALEITAMENTO MATERNO EM UM MUNICÍPIO DO NORDESTE BRASILEIRO

Karina Rodrigues de Sousa Barros¹
Patrícia Soares Pereira de Andrade²
Jéssica Pereira dos Santos³
Kerla Joeline Lima Monteiro⁴
Ranieri Flávio Viana de Sousa⁵
Elaine Ferreira do Nascimento⁶
Polyanna Araújo Alves Bacelar⁷

BARROS, K. R. de S.; ANDRADE, P. S. P. de; SANTOS, J. P. dos; MONTEIRO, K. J. L.; SOUSA, R. F. V. de; NASCIMENTO, E. F. do; BACELAR, P. A. A. Perfil epidemiológico e conhecimento de gestantes sobre aleitamento materno em um município do nordeste brasileiro. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, Umuarama, v. 25, n. 1, p. 11-17, jan./abr. 2021.

RESUMO: O aleitamento materno exclusivo propicia saúde ao recém-nascido e à mulher, fortalece o vínculo mãe e filho e leva à redução na mortalidade infantil. **Objetivo:** Identificar o perfil e os conhecimentos sobre aleitamento materno de gestantes atendidas em Unidades Básicas de Saúde, durante o pré-natal, no município de Gilbués, Piauí, Brasil. **Material e Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo e abordagem quantitativa, com coleta de dados por meio de um formulário sobre as características sociodemográficas e conhecimentos em relação ao aleitamento materno. O estudo foi realizado com 40 gestantes nas Unidades Básicas de Saúde dos bairros São José e Santo Antônio. **Resultados:** Das gestantes, 75% estavam na segunda gestação ou mais e 47,5% no segundo trimestre gestacional. A maioria apresentou idade entre 18 e 30 anos, era solteira, possuía o ensino fundamental, não exercia atividade profissional e possuía renda familiar de até um salário mínimo. Quanto aos conhecimentos sobre aleitamento materno, houve orientação no pré-natal, porém, com pouca incorporação acerca dos benefícios que essa prática pode proporcionar à mãe. Apontaram-se, ainda, dúvidas e/ou inseguranças das gestantes sobre a quantidade de leite produzido e sua capacidade de nutrição, surgimento de fissuras na mama e transmissão de doenças por meio da amamentação. **Conclusão:** As atividades de educação em saúde no pré-natal são fundamentais para a saúde da criança e da mulher, promovendo estratégias de promoção, apoio e incentivo ao aleitamento materno.

PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento materno. Cuidado pré-natal. Educação em saúde. Gravidez.

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE AND KNOWLEDGE OF PREGNANT WOMEN REGARDING BREASTFEEDING IN A CITY IN NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT: Exclusive breastfeeding provides health to both the newborn and the mother, strengthening the bond between mother and child and leading to a reduction in infant mortality. **Objective:** Identify the profile and knowledge about breastfeeding of pregnant women attended at the Basic Health Units during prenatal care in the city of Gilbués, Piauí, Brazil. **Methodology:** This is a descriptive study, with a quantitative approach collected through a form on sociodemographic characteristics and knowledge regarding breastfeeding. The study was performed considering 40 pregnant women seen at the UBSs in the São José and Santo Antônio neighborhood. **Results:** Among the patients, 75% were in their second pregnancy or more, and 47.5% in the second gestational trimester. Most of them were aged between 18 and 30 years old, single, had only elementary education, did not work, and had family income up to a minimum wage. Regarding the knowledge about breastfeeding, they received guidance in the prenatal care, but with little emphasis on the benefits that exclusive breastfeeding can also provide to the mother. The doubts and/or insecurities of pregnant women were related to the amount of milk produced and its nutritional capacity, the appearance of cracks on the breast, and the transmission of diseases through breastfeeding. **Conclusions:** Prenatal health education activities are essential for the health of the child and the pregnant woman by providing strategies to promote, support, and encourage breastfeeding.

KEYWORDS: Breast Feeding. Prenatal Care. Health education. Pregnancy.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, a cada ano, um milhão e meio de mortes de crianças poderiam ser evitadas por meio da prática do aleitamento materno. As recomendações são para o aleitamento materno exclusivo (AME) nos seis primeiros meses de vida e

sua continuidade pelo menos até os dois anos de idade, acompanhado de alimentos complementares (BRASIL, 2015; WHO, 2017).

O leite materno contribui para o crescimento e desenvolvimento da criança, apresentando inúmeras vantagens imunológicas (LUSTOSA; LIMA, 2020), cognitivas (DA SILVA MARQUES *et al.*, 2020) e nutricionais

DOI: 10.25110/arqsaude.v25i1.2021.7558

¹Bióloga pela Universidade Aberta do Brasil, Gilbués, PI. E-mail: ka_rb_02@hotmail.com

²Bióloga pela Universidade Aberta do Brasil, Gilbués, PI. E-mail: patricia.c5@hotmail.com

³Bióloga. Doutoranda em Medicina Tropical (IOC/FIOCRUZ) e equipe de pesquisa do Escritório Regional da FIOCRUZ Piauí, Teresina, PI. E-mail: jessik_ssantos@hotmail.com

⁴Veterinária. Doutora em Medicina Tropical (IOC/FIOCRUZ) e equipe de pesquisa do Escritório Regional da FIOCRUZ Piauí, Teresina, PI. E-mail: kerla.monteiro@gmail.com

⁵Biomédico. Mestrando em Medicina Tropical (IOC/FIOCRUZ) e equipe de pesquisa do Escritório Regional da FIOCRUZ Piauí, Teresina, PI. E-mail: ranieriflavio@hotmail.com

⁶Assistente Social. Pesquisadora doutora do Escritório Regional da FIOCRUZ Piauí, Teresina, PI. E-mail: negraelaine@gmail.com

⁷Bióloga. Doutoranda em Medicina Tropical (IOC/FIOCRUZ) e equipe de pesquisa do Escritório Regional da FIOCRUZ Piauí, Teresina, PI. E-mail: polyannabio_gen@hotmail.com

(FERREIRA *et al.*, 2017), além de influenciar na prevenção e redução de doenças na infância, principalmente aquelas de caráter infeccioso, como a diarreia e as infecções respiratórias (AMARAL *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2020).

Na China e na Nigéria, estudos evidenciaram forte associação entre práticas de aleitamento materno e a redução dos casos de diarreia (LI *et al.*, 2019; OGBO *et al.*, 2019). No Brasil, uma pesquisa constatou que crianças menores de seis meses em AME tiveram menos chance de apresentar diarreia quando comparadas às crianças em aleitamento materno misto (AMM) (SANTOS *et al.*, 2016). Também se ressalta a importância dessa prática para a saúde da mulher, na qual contribui para perda gradual do peso, involução uterina, proteção contra o câncer de mama e do ovário, além de ser um método contraceptivo natural (BRITO, 2018; SANTOS *et al.*, 2017).

A prática da amamentação pode ser influenciada por fatores como o nível socioeconômico, idade, escolaridade, cultura, inserção de complementação alimentar precoce, admissão da mãe no mercado de trabalho, reduzido conhecimento sobre os benefícios do aleitamento materno, bem como a falta de apoio ao aleitamento após a alta hospitalar (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018; MARANHÃO *et al.*, 2015). Uma revisão da literatura turca e inglesa apontaram como estratégias para a redução desses fatores o aumento da educação pré-natal, aconselhamentos e monitoramento em saúde (KARAÇAM; SAĞLIK, 2018). Em Gana e no México, o programa denominado '*Becoming Breastfeeding Friendly*' tem sido implementado para apoiar projetos de incentivo à amamentação e a melhoria de políticas públicas (BUCCINI *et al.*, 2018).

No Brasil, o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM) foi instituído em 1981 e, a partir desse marco, agregaram-se políticas públicas para incentivar a prática do aleitamento materno (BRASIL, 2017). Dentre as ações inerentes, foram implementadas campanhas mostrando seus benefícios e medidas passaram a ser adotadas no período intra-hospitalar, como o contato pele a pele e a intervenção na dor mamar (COCA *et al.*, 2018; MOREIRA *et al.*, 2017). Porém, a falta de orientação e apoio no período pré-natal, por parte da equipe de saúde, é um dos fatores associados mais relatados pelas mães para a não amamentação e/ou interrupção precoce (FERREIRA *et al.*, 2018; SCHINCAGLIA *et al.*, 2015).

Nesse contexto, é válido destacar que a assistência pré-natal tem ocupado historicamente um espaço relevante na atenção à saúde da população. É um processo compreendido como um conjunto de atividades com abordagens educativas que visam à promoção da saúde das mulheres grávidas, dos recém-nascidos e o estabelecimento de ações adequadas à prevenção, ao diagnóstico e ao manejo clínico de problemas obstétricos que venham a ocorrer ou de enfermidades previamente existentes (NASCIMENTO *et al.*, 2019). O período em que as estratégias são desenvolvidas influencia no grau de adesão às recomendações, de maneira que o pré-natal parece ser o momento mais apropriado para a aplicação de tais ações, contribuindo significativamente para sensibilizar a mulher quanto ao aleitamento (COSTA *et al.*, 2019; DE CALDAS CORDEIRO *et al.*, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Embora existam dados na literatura que permitem

conhecer a prevalência e duração do aleitamento materno, bem como os fatores associados para o desmame precoce (BOCCOLINI *et al.*, 2017; TORIYAMA *et al.*, 2017), estes estudos não enfatizam o saber materno sobre aleitamento como um dos possíveis fatores associados a essa prática em várias regiões do país. No entanto, salienta-se que é importante considerar os relatos e identificar os saberes das mulheres grávidas, permitindo o planejamento, a formulação e implementação adequada de políticas públicas na área da saúde a partir desses conhecimentos (FAUSTINO-SILVA *et al.*, 2018). Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo identificar o perfil epidemiológico e os conhecimentos sobre aleitamento materno de gestantes atendidas em Unidades Básicas de Saúde (UBS) durante o pré-natal, no município de Gilbués, Piauí, Brasil.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo transversal descritivo, com abordagem quantitativa, que foi realizado em duas das quatro UBS da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Gilbués, Piauí. Participaram da pesquisa 40 gestantes atendidas pela UBS dos bairros São José e Santo Antônio. De acordo com o interesse e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), foram incluídas no estudo todas as gestantes atendidas no serviço de pré-natal nestas UBS, provenientes de Gilbués e macrorregião. O critério de exclusão estabelecido foi ser portadora de HIV/AIDS, porém, para essa condição, nenhuma gestante foi retirada da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de Julho a Novembro de 2018, por meio da aplicação de um formulário semiestruturado contendo 15 questões. Nesse, foram abordadas tanto as características sociodemográficas (idade, escolaridade, renda, estado civil e ocupação), quanto os conhecimentos das gestantes sobre aleitamento materno (benefícios do aleitamento para a saúde da mulher e da criança, frequência da mamada, compreensão sobre fatores que impossibilitem a amamentação, informação acerca do aleitamento na gestação anterior, profissional que orientou, dúvidas e/ou inseguranças das gestantes em relação ao aleitamento materno e importância das informações fornecidas durante a consulta de pré-natal).

Os dados coletados foram tabulados em planilha eletrônica no *software* Microsoft Excel 2013. As frequências absolutas das respostas foram calculadas, transformadas em porcentagem através de frequência simples e dispostas em tabelas e gráficos para uma melhor compreensão dos resultados.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (CAAE: 83035718.9.0000.8007; parecer nº 2.785.211). As diretrizes utilizadas foram as Orientações e os Regulamentos para a Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Das 40 gestantes que participaram do estudo, 30 estavam na segunda gestação ou mais (75%) e 19 no segundo

trimestre gestacional (47,5%). A maioria apresentou entre 18 e 30 anos de idade (62,5%), era solteira (42,5%) e possuía o ensino fundamental (50%). Com relação às condições econômicas, observou-se que 28 (70%) não exercia atividade profissional e 25 (62,5%) apresentou renda familiar menor ou igual a um salário mínimo (Tabela 1).

Tabela 1: Perfil epidemiológico das gestantes atendidas na consulta de pré-natal em UBS, segundo características sociodemográficas e obstétricas. Gilbués, Piauí, 2018.

Variável	N	%
Número de gestação		
1ª gestação	10	25,0
2ª gestação ou mais	30	75,0
Trimestre gestacional		
1º trimestre	05	12,5
2º trimestre	19	47,5
3º trimestre	16	40,0
Idade		
<18 anos	08	20,0
Entre 18 e 30 anos	25	62,5
>30 anos	07	17,5
Estado civil		
Solteira	17	42,5
Casada	12	30,0
União estável	11	27,5
Escolaridade		
Ensino Fundamental	20	50,0
Ensino Médio	13	32,5
Ensino Superior	05	12,5
Não respondeu	02	5,0
Atividade profissional		
Exerce	11	27,5
Não exerce	28	70,0
Não respondeu	01	2,5
Renda familiar*		
< ou = 1 salário mínimo	25	62,5
>1 salário mínimo	15	37,5

*R\$ = 937,00 (salário mínimo).

Fonte: Elaborada pelos autores, 2019.

Quanto às informações a respeito da amamentação, 32 (80%) das gestantes foram orientadas por profissionais da saúde no período pré-natal e 36 (90%) sabiam dos benefícios que o leite materno proporciona para os seus filhos, tendo como o mais citado a proteção contra doenças. Entretanto, foi perceptivo que ainda há mães que desconhecem as vantagens da amamentação inclusive para elas mesmas. Nesse aspecto, 26 (65%) citaram a redução do sangramento pós-parto, 6 (15%) relataram que a amamentação não tem benefícios para a mãe e 7 (17,5%) não sabiam (Tabela 2).

Tabela 2: Caracterização dos benefícios do aleitamento materno para as gestantes atendidas na consulta de pré-natal em UBS, Gilbués, Piauí, 2018.

Variável	N	%
Benefícios para o bebê		
Protege contra doenças infecciosas	36	90,0
Serve apenas como alimentação	02	5,0
Serve apenas para diminuir a sede	01	2,5
Não sabe	01	2,5
Benefícios para a mãe		
Reduz sangramento pós-parto	26	65,0
Não tem benefícios para a mãe	06	15,0
Protege a mãe contra outras doenças	01	2,5
Não sabe	07	17,5

Fonte: Elaborada pelos autores, 2019.

Ressalta-se que existem algumas situações em que as gestantes não podem amamentar e quando questionadas sobre isso, apenas 10 (25%) delas concordaram com essa afirmativa e 19 (47,5%) não sabiam responder. Dentre as situações relatadas como fator impeditivo à amamentação, destacam-se fissuras ou rachaduras nas mamas, doenças como o HIV/AIDS e alergias.

A respeito do tempo pretendido em oferecer aleitamento materno para seus filhos, 5 (12,5%) das gestantes relataram até o sexto mês, 17 (42,5%) até 1 ano, 15 (37,5%) de 1 ano a 3 anos e 3 (7,5%) não responderam. Em relação às dúvidas e/ou inseguranças quanto ao aleitamento materno, 16 (40%) das gestantes confirmaram que possuem. Entre estas, relataram como fatores de vulnerabilidade, a possibilidade de o leite não ser capaz de nutrir a criança adequadamente (37,5%), o surgimento de fissuras nas mamas (31,2%), a transmissão de doenças (12,5%) e produzir leite insuficiente (18,8%).

Discussão

O pico da faixa etária reprodutiva foi similar à pesquisa sobre o AME em uma perspectiva materna e sobre sua associação em condutas alimentares inadequadas, no qual predominou entre as mães a faixa etária de 20 a 35 anos de idade (PASSANHA; BENÍCIO; VENÂNCIO, 2018; ROCHA *et al.*, 2018). Além disso, foi observado que as mulheres com idade entre 20 e 30 anos foram as que mais realizaram o AME, sendo essa faixa etária considerada um fator de proteção para a prática em relação à frequência e duração da amamentação (BOCCOLINI; CARVALHO; OLIVEIRA, 2015; FERREIRA *et al.*, 2018). Estudos revelam que a natalidade está mais concentrada em mulheres menores de 25 anos, onde essas mães adolescentes ou jovens possuem maior insegurança na amamentação comparada com as mães de maior idade (SILVA *et al.*, 2019).

No que diz respeito à escolaridade materna, o fato de parte das gestantes apresentarem o ensino fundamental alerta, possivelmente, para uma tendência a não realizarem o AME de forma adequada. O mesmo perfil foi identificado em uma análise de dados secundários na Europa e em pesquisas transversais com 634 mães na Etiópia e 108 adolescentes

nutrizes no Brasil (ARRUDA *et al.*, 2018; HOCHE; MESHESHA; WAKGARI, 2018; SARKI; PARLESIAK; ROBERTSON, 2018). Tem-se relatado que as mães com mais instrução escolar apresentam maior permanência na prática do AME, quando comparadas às demais, devido a possibilidade de mais acesso ao suporte pré-natal e às informações sobre as vantagens do aleitamento materno, bem como sobre os cuidados com a mama durante a gestação (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018; BARBOSA *et al.*, 2017; CAVALCANTI *et al.*, 2015).

Quanto ao fator econômico, o trabalho mostrou que as gestantes eram de baixa renda e ao associar esse aspecto com o aleitamento materno, alguns estudos evidenciaram que pertencer às classes mais baixas e possuir menor renda estão relacionadas com maiores chances de amamentar (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018; MAIA; COSTA SILVA; MOREIRA, 2019; MOIMAZ *et al.*, 2020; SANTANA *et al.*, 2018). No entanto, a falta de conhecimento de como amamentar e agir frente a alguma dificuldade surgida nesse processo, tais como a necessidade do retorno ao trabalho e não saberem continuar oferecendo seu leite nessa situação, ainda são questões a serem consideradas como fator limitante para o AME entre as mulheres de baixa renda (ROLLA; GONÇALVES, 2012).

Ao unir o percentual de gestantes casadas e as que possuíam relação estável, fica evidente um achado considerado importante que é a existência de um parceiro, tendo em vista que a presença do companheiro pode representar um bom suporte e apoio à prática da amamentação (FERRAZ *et al.*, 2016; FERREIRA *et al.*, 2018). Além disso, reforça a necessidade de orientação para os pais, bem como o direcionamento dos diversos níveis de ações para atenção à saúde no contexto familiar (LIMA; NASCIMENTO; MARTINS, 2018).

No que tange às orientações sobre amamentação durante o pré-natal nas UBS de Gilbués/PI, ficou notório que os profissionais dos serviços de saúde desse município valorizam o tema, apesar de nacionalmente ser considerado um desafio. Mesmo que preconizado pelo Ministério da Saúde, a implementação desse tema nas capacitações ainda encontra dificuldades quanto à abordagem do conteúdo nas instituições de ensino técnico e superior, bem como o incentivo por parte dos gestores, em formar equipes multiprofissionais comprometidas com a saúde materno-infantil (ALMEIDA; LUZ; UED, 2015). Dessa forma, aponta-se uma necessidade para que os profissionais sejam qualificados e desenvolvam estratégias para promoção do AME, tendo como consequência a troca de informações e orientações de maneira mais consolidada.

Portanto, o pré-natal é ideal para uma abordagem ao incentivo do aleitamento materno por proporcionar um contato maior entre os pais, os profissionais e a instituição (SILVA *et al.*, 2018). Nesse acompanhamento, deverão ocorrer informações sobre os principais aspectos da amamentação, como o tempo adequado, frequência das mamadas, benefícios, além de dificuldades que elas possam enfrentar durante o processo de lactação (RAIMUNDI *et al.*, 2015).

Em relação ao conhecimento dos benefícios da AME, os resultados do estudo estão em consonância com um trabalho realizado no Rio de Janeiro. Nesse,

apesar das nutrizes terem dúvidas quanto ao manejo da amamentação e não destacarem os benefícios para a saúde materna, reconheciam as vantagens para seus filhos, como a imunidade/prevenção de doenças, nutrição, crescimento e desenvolvimento da criança (MARTINS *et al.*, 2018).

Os benefícios do aleitamento materno também estão relacionados à duração da amamentação. O maior tempo de realização desta prática está associado com menos doenças agudas relatadas aos 6 meses de idade, doenças diarreicas e/ou episódios de constipação aos 6, 12 e 24 meses e menor chance de sobrepeso/obesidade aos três anos (PATTISON *et al.*, 2018). Estimativas também apontam que a ampliação da amamentação a um nível quase universal poderia prevenir 823.000 mortes a cada ano em crianças menores de cinco anos e 20.000 mortes de mulheres por câncer de mama, em países de baixa e média renda (VICTORIA *et al.*, 2016).

As gestantes deste estudo demonstraram inseguranças e dúvidas em relação ao AME. Dessa forma, a educação e o preparo das mulheres para a lactação, durante o pré-natal, contribuem para o sucesso do aleitamento materno (OLIVEIRA *et al.*, 2017). Seguindo essa lógica, as mulheres precisam ser informadas dos benefícios, técnicas da amamentação e as desvantagens em relação ao uso de outros componentes alimentares que não o leite materno (SILVA *et al.*, 2017). Além disso, também destaca-se a importância de um acompanhamento diferenciado, especialmente nas primeiras semanas pós-parto aos casos em que a amamentação é contraindicada, podendo reverter-se em danos à saúde do bebê (MARTINS, 2016).

O percentual das gestantes entrevistadas que pretendem amamentar seus filhos até pelo menos no período entre 6 meses a 1 ano de idade e que possuíam intenção de amamentar por mais de 1 ano foi promissor, visto que havendo o interesse das gestantes em realizar a prática, é mais fácil a aceitação das orientações e suporte realizado pelas equipes de saúde. Embora todas as evidências científicas provem a superioridade da amamentação sobre outras formas de alimentar a criança pequena e, apesar dos esforços nacionais e internacionais, as taxas de aleitamento materno no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, estão bastante aquém do recomendado e aumentá-la tem sido um desafio (BOIANI; PAIM; FREITAS, 2018).

Na literatura, uma mulher ter ou não vivenciado a amamentação em gestações anteriores é um assunto de ampla discussão, visto que a experiência prévia positiva contribui para o êxito nas práticas em filhos posteriores (COHEN *et al.*, 2018; FERREIRA *et al.*, 2015). Assim, a experiência malsucedida pode ser um fator de risco para a interrupção do AME precocemente (SUTHERLAND *et al.*, 2012; XAVIER; NOBRE; AZEVEDO, 2015). Quando aproximamos o fato de que a maioria das gestantes desse estudo eram múltiparas e a predominância na intenção de amamentarem por mais de 1 ano e até por período além do preconizado pela OMS, interpreta-se que as experiências anteriores com a amamentação nas múltiparas foram positivas.

Deve-se salientar que, além da falta de conhecimento durante a gestação, as mulheres encontraram-se com dúvidas, inseguranças e medos. Nessa perspectiva, é de responsabilidade da organização dos serviços e dos profissionais de saúde, no pré-natal, por meio de uma equipe multidisciplinar, assistir as gestantes com atendimento de

qualidade e repassar informações necessárias, utilizando uma linguagem clara e objetiva, esclarecendo suas dúvidas, medos e tabus (ALMEIDA; LUZ; UED, 2015). O profissional precisa estar preparado para prestar uma assistência eficaz, solidária, integral e contextualizada, que respeite o saber e a história de vida de cada mulher e que a ajude a superar medos, dificuldades e inseguranças (MARTINS *et al.*, 2018). Assim, os programas e políticas públicas serão melhores desenvolvidos em cada região.

Uma limitação do presente estudo foi o tamanho da amostra, no entanto foi considerada habitual na rotina de atendimento dos estabelecimentos e houve adesão de 100% das gestantes. Vale ressaltar a importância deste estudo por se tratar da primeira investigação sobre a temática, no município, o que poderá servir como base para outras pesquisas de natureza transversal e longitudinal.

Conclusão

Os aspectos positivos deste estudo foram a faixa etária das gestantes, presença de um parceiro, renda, serem multíparas e terem a intenção em amamentar seus filhos por até mais de 1 ano. Ainda foi possível constatar importantes causas para o desmame precoce, que foram a escolaridade, a falta de conhecimento das gestantes a respeito das vantagens e contra-indicações do leite materno, além dos medos e inseguranças sobre amamentação.

Nesse contexto, sugere-se que o profissional de saúde seja mais capacitado para que possa identificar e compreender o processo do aleitamento materno no âmbito sociocultural e familiar e, a partir dessa compreensão, buscar formas de interagir com a população para informá-la sobre a importância de adotar uma prática saudável de aleitamento materno. Assim, as atividades de educação em saúde no pré-natal são fundamentais para a adoção de medidas que garantam a saúde da criança e da mulher promovendo o aleitamento materno e permitindo a conscientização sobre os benefícios de tal prática.

Diante disso, o presente estudo pode servir de subsídios para orientar a implementação e consolidação de práticas profissionais que considerem a aprendizagem significativa, sugerindo o desenvolvimento de estratégias para promoção, apoio e incentivo ao aleitamento materno. Além de contribuir para uma investigação da possível fragilidade identificada quanto ao acesso das gestantes à atenção básica ou a pouca cobertura desse serviço devido ao tamanho da população deste estudo, tendo em vista que houve adesão de 100% do público que compôs a amostra.

Referências

ALMEIDA, J. M.; LUZ, S. A. B.; UED, F. V. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 33, n. 3, p. 355-362, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v33n3/0103-0582-rpp-33-03-0355.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

ALVES, J. S.; OLIVEIRA, M. I. C.; RITO, R. V. F. Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. **Ciência**

& Saúde Coletiva, v. 23, n. 4, p. 1077-1088, 2018.

AMARAL, L. J. X. *et al.* Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrízes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, p. 127-134, 2015.

ARRUDA, G. T. *et al.* Perfil das nutrízes adolescentes e características relacionadas ao aleitamento materno em uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, v. 22, n. 1, p. 23-26, 2018.

BARBOSA, G. E. F. *et al.* Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, n. 3, p. 265-272, 2017.

BOCCOLINI, C. S. *et al.* Tendência de indicadores do aleitamento materno no Brasil em três décadas. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 108, p. 1-9, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051000029.pdf. Acesso em: 14 maio 2019.

BOCCOLINI, C. S.; CARVALHO, M. L.; OLIVEIRA, M. I. C. Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida no Brasil: revisão sistemática. **Revista Saúde Pública**, v. 49, n. 91, p. 1-16, 2015.

BOIANI, M. B.; PAIM, J. S. L.; FREITAS, T. S. Fatores associados a prática e a duração do aleitamento materno no Brasil contemporâneo. **Investigação**, v. 17, n. 3, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Saúde da Criança: aleitamento materno e alimentação complementar. **Cadernos de Atenção Básica**, Brasília, 2. ed. n. 23, 2015. 184 p.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 68 p.

BRITO, J. C. D. O aleitamento materno como forma de prevenção ao câncer de mama. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 14, n. 8, p. 61-81, 2018.

BUCCINI, G. *et al.* How does “Becoming Breastfeeding Friendly” work? A Programme Impact Pathways Analysis. **Maternal & Child Nutrition**, p. 1-13, 2018.

CAVALCANTI, S. H. *et al.* Fatores associados à prática do aleitamento materno exclusivo por pelo menos seis meses no estado de Pernambuco. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 1, p. 208-219, 2015.

COCA, K. P. *et al.* Conjunto de medidas para o incentivo do aleitamento materno exclusivo intra-hospitalar: evidências

de revisões sistemáticas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 2, p. 214-220, 2018.

COHEN, S. S. *et al.* Factors associated with breastfeeding initiation and continuation: a meta-analysis. **The Journal of pediatrics**, v. 203, p. 190-196. e21, 2018.

CORDEIRO, E. A. de Caldas. *et al.* Atuação dos profissionais da Estratégia de Saúde da Família referente à promoção do aleitamento materno exclusivo. **Revista Saúde-UNG-Ser**, v. 10, n. 1 esp. p. 108, 2017.

COSTA, F. S. *et al.* Promoção do aleitamento materno no contexto da estratégia de saúde da família. **Rev. Rede cuid. saúde**, p. 44-58, 2019.

FAUSTINO-SILVA, D. D. *et al.* Percepções e saberes de um grupo de gestantes sobre aleitamento materno – um estudo qualitativo. **Revista da Faculdade de Odontologia**, v. 13, n. 2, p. 7-11, 2008.

FERRAZ, L. *et al.* Opinião de mulheres sobre a participação do pai no aleitamento materno. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, v. 20, n. 2, p. 95-99, 2016.

FERREIRA, A. M. V. *et al.* Auto eficácia em amamentar de puérperas não primíparas em pós-parto imediato. **Revista Diálogos Acadêmicos**, v. 4, n. 2, p. 100-108, 2015.

FERREIRA, C. K. M. *et al.* Composição do leite humano e sua relação com a nutrição adequada à recém nascidos pré-termos. **Temas em Saúde**, v. 17, n. 1, p. 118-146, 2017.

FERREIRA, H. L. O. C. *et al.* Fatores associados à adesão ao aleitamento materno exclusivo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 683-690, 2018.

HOCHE, S.; MESHESHA, B.; WAKGARI, N. Sub-optimal breastfeeding and its associated factors in rural communities of Hula District, Southern Ethiopia: a cross-sectional study. **Ethiopian Journal of Health Sciences**, v. 28, n. 1, p. 49-62, 2018.

KARAÇAM, Z.; SAĞLIK, M. Breastfeeding problems and interventions performed on problems: systematic review based on studies made in Turkey. **Turk Pediatri Arsivi**, v. 53, n. 3, p. 134-148, 2018.

LI, S. *et al.* Breastfeeding and the risk of illness among young children in rural China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 1, p. 2-15, 2019.

LIMA, A. P. C.; NASCIMENTO, D. S.; MARTINS, M. M. F. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 6, n. 2, p. 189-196, 2018.

LUSTOSA, E.; LIMA, R. N. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. **Revista Brasileira**

Interdisciplinar de Saúde, v. 3, n. 1, 2020.

MAIA, A. K.; SILVA, B. Y. Costa; MOREIRA, L. C. J. Eficácia de intervenções educativas com gestantes sobre o grau de conhecimento em aleitamento materno. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 32, 2019.

MARANHÃO, T. A. *et al.* Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 132-139, 2015.

MARTINS, D. P. *et al.* Conhecimento de nutrízes sobre aleitamento materno: contribuições da enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 12, n. 7, p. 1870-1878, 2018.

MARTINS, L. A. Amamentação como fator de preservação do meio ambiente. **Revista Saúde Comunitária**, v. 8, n. 1, p. 57-71, 2016.

MOIMAZ, S. A. S. *et al.* Estudo quanti-qualitativo sobre amamentação exclusiva por gestantes de alto risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3657-3668, 2020.

MOREIRA, L. A. *et al.* Apoios à mulher/nutriz nas peças publicitárias da Semana Mundial da Amamentação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 1, p. 61-70, 2017.

NASCIMENTO, A. M. R. *et al.* Atuação do enfermeiro da estratégia saúde da família no incentivo ao aleitamento materno durante o período pré-natal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 21, p. e667-e667, 2019.

OGBO, F. A. *et al.* Diarrhoea deaths and disability-adjusted life years attributable to suboptimal breastfeeding practices in Nigeria: findings from the global burden of disease study 2016. **International Breastfeeding Journal**, v. 14, n. 4, p. 2-9, 2019.

OLIVEIRA, C. M. *et al.* Promoção do Aleitamento Materno: intervenção educativa no âmbito da Estratégia de Saúde da Família. **Enfermagem Revista**, v. 20, n. 2, p. 99-108, 2017.

PASSANHA, A.; BENÍCIO, M. H. D.; VENÂNCIO, S. I. Influência do aleitamento materno sobre o consumo de bebidas ou alimentos adoçados. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 2, p. 148-154, 2018.

PATTISON, K. L. *et al.* Breastfeeding initiation and duration and child health outcomes in the first baby study. **Preventive Medicine**, v. 118, p. 1-6, 2018.

RAIMUNDI, D. M. *et al.* Conhecimento de gestantes sobre aleitamento materno durante acompanhamento pré-natal em serviços de saúde em Cuiabá. **Revista Saúde**, v. 41, n. 2, p. 225-232, 2015.

ROCHA, G. P. *et al.* Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 6, p. 1-13, 2018.

ROLLA, T. S.; GONÇALVES, V. M. S. Aleitamento materno e seus determinantes. **Revista Enfermagem Integrada**, v. 5, n. 1, p. 895-904, 2012.

SANTANA, G. S. *et al.* Factors associated with breastfeeding maintenance for 12 months or more: a systematic review. **Jornal de Pediatria**, v. 94, n. 2, p. 104-122, 2018.

SANTOS, F. S. *et al.* Aleitamento materno e diarreia aguda entre crianças cadastradas na estratégia saúde da família. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 25, n. 1, p. 1-8, 2016.

SANTOS, G. C. P. *et al.* Os benefícios da amamentação para a saúde da mulher. **Revista Saúde em Foco**, v. 9, p. 225-228, 2017.

SARKI, M.; PARLESAK, A.; ROBERTSON, A. Comparison of national cross-sectional breast-feeding surveys by maternal education in Europe (2006-2016). **Public Health Nutrition**, v. 22, n. 5, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/search?filters%5BauthorTerms%5D=Mahesh%20Sarki&eventCode=SE-AU>. Acesso em: 15 maio 2019.

SCHINCAGLIA, R. M. *et al.* Práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses na região noroeste de Goiânia. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 3, p. 465-474, 2015.

SILVA, A. N. L. *et al.* Profissionais de saúde no apoio ao aleitamento materno: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 10, p. 923-928, 2018.

SILVA, C. M. *et al.* Práticas educativas segundo os “dez passos para o sucesso do aleitamento materno” em um Banco de Leite Humano. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 5, p. 1661-1671, 2017.

SILVA, D. I. S. *et al.* A importância do aleitamento materno na imunidade do recém-nascido. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e664974629-e664974629, 2020.

SILVA, V. G. P. Marques da *et al.* Aleitamento materno: importância e benefícios da amamentação. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e2299108405-e2299108405, 2020.

SILVA, V. A. *et al.* Aleitamento materno: indicadores e fatores associados à amamentação exclusiva num aglomerado urbano subnormal assistido pela Estratégia de Saúde da Família. **Jornal de Pediatria**, v. 95, n. 3, p. 298-305, 2019.

SUTHERLAND, T. *et al.* Breastfeeding practices among first-time mothers and across multiple pregnancies. **Maternal and child health journal**, v. 16, n. 8, p. 1665-1671, 2012.

TORIYAMA, A. T. M. *et al.* Breastfeeding:

whatchangedafter a decade?. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, p. 1-10, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692017000100387. Acesso em: 15 maio 2019.

VICTORIA, C. G. *et al.* Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 387, p. 475-490, 2016.

WHO. World Health Organization. **Guideline: protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services**. Geneva: World Health Organization, 2017, 120 p.

XAVIER, B. S.; NOBRE, R. G.; AZEVEDO, D. V. Amamentação: conhecimentos e experiências de gestantes. **Nutrire**, v. 40, n. 3, p. 270-277, 2015.

Recebido em: 04/12/2019

Aceito em: 01/12/2020